

O MÁGICO DE *Oz*

L. FRANK BAUM

Inclui ilustrações originais de W.W. DENSLOW

Tradução:
Sergio Flaksman



*Este livro é dedicado à minha grande amiga e companheira: minha esposa.
L.F.B.*

Título original:
The Wonderful Wizard of Oz

Copyright da tradução © 2013: Sergio Flaksman

Copyright desta edição © 2013:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º
22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Preparação: Juliana Romeiro | Revisão: Suelen Lopes, Joana Milli
Projeto gráfico: Carolina Falcão | Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Baum, L. Frank (Lyman Frank), 1856-1919
B341m O Mágico de Oz / L. Frank Baum; tradução Sergio Flaksman.
– Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
il. (Bolso de luxo)

Tradução de: The wonderful wizard of Oz
ISBN 978-85-378-0966-2

1. Literatura infantojuvenil norte-americana. I. Flaksman,
Sergio. II. Título. III. Série.

O ciclone

DOROTHY VIVIA NO MEIO das grandes pradarias do Kansas, com seu tio Henry, que cuidava de uma fazenda, e a tia Em, mulher dele. A casa em que eles moravam era pequena, porque a madeira para a sua construção precisava ser trazida de carroça desde muito longe. Eram quatro paredes, um chão e um teto, que formavam uma única peça; e nesta peça ficavam um fogão a lenha com uma aparência bem enferrujada, um armário para os pratos, uma mesa, três ou quatro cadeiras e as camas. O tio Henry e a tia Em ocupavam uma cama de casal num dos cantos, e Dorothy, uma cama menor em outro. A casa não tinha sótão e nem porão — tirante um buraco não muito grande cavado na terra, que chamavam de abrigo de ciclone, onde a família poderia se esconder para o caso de aparecer um desses imensos redemoinhos de vento, tão fortes que são capazes de esmagar qualquer casa ou construção que encontrem no caminho. Ao abrigo se chegava por um alçapão que ficava no meio do piso da casa; do alçapão descia uma escada até o abrigo estreito e escuro.

Quando Dorothy chegava à porta de casa e olhava em volta, só via a pradaria cinzenta de todos os lados. Nenhuma árvore ou casa interrompia a paisagem totalmente plana que, em todas as direções, se estendia até onde a vista alcança. O sol tinha transformado a terra cultivada numa extensão sempre igual, toda cortada por rachaduras. Nem mesmo a relva era verde, porque o sol queimou as pontas das folhas e elas ficaram da mesma cor cinza que se via em toda parte. A casa antes era pintada, mas o sol tinha descascado a tinta e as chuvas tinham lavado o que sobrou, e agora a casa era tão cinzenta e sem cor como todo o resto.

Quando tia Em veio morar ali, era jovem e bonita. Mas ela também foi modificada pelo sol e pelo vento, que apagaram a centelha que brilhava nos seus olhos, hoje de um cinza neutro. Desbotaram o rubor das suas faces e dos seus lábios, que também ficaram acinzentados. Era magra e seca, e não sorria mais. Quando Dorothy, que era órfã, chegou à casa dela, tia Em ficava tão surpresa com o riso da menina que gritava e levava a mão ao peito toda vez que a voz alegre de Dorothy chegava aos seus ouvidos; e olhava admirada para a menina, ao ver que ela conseguia encontrar algum motivo para rir.

Já o tio Henry nunca ria. Trabalhava duro do amanhecer até a noite, e não tinha ideia do que significava a alegria.

Também era todo cinza, da longa barba grisalha às botas grosseiras que usava. Tinha uma aparência solene e severa, e quase nunca dizia nada.

Era Totó quem fazia Dorothy rir, e não deixava a menina crescer tão cinzenta quanto tudo que existia à sua volta. Totó não era cinza; era um cachorrinho preto, com o pelo longo e sedoso e olhinhos negros que reluziam satisfeitos dos dois lados de seu focinho preto, miúdo e engraçado. Totó brincava o dia inteiro; Dorothy brincava com ele e adorava o cachorrinho.

Mas hoje não estavam brincando. O tio Henry, sentado na porta da casa, olhava ansioso para o céu, que se mostrava ainda mais cinzento que o normal. Dorothy sentou-se ao lado dele na porta, com Totó no colo, e também olhava para o céu. Tia Em lavava os pratos.

De muito longe, ao norte, ouviram um gemido prolongado do vento, e tanto tio Henry como Dorothy viram que daqueles lados o capim alto se abaixava em ondas diante da tempestade que se aproximava. Em seguida ouviram um assobio agudo no ar, vindo do sul, e quando viraram os olhos nessa direção viram que o capim, naquele lado, também formava ondas.

De repente, o tio Henry se levantou.

— Está vindo um ciclone, Em — disse ele à mulher. — Vou ver se os animais estão bem.



E saiu correndo na direção dos currais onde ficavam as vacas e os cavalos.

Tia Em largou o trabalho que fazia e veio até a porta. Um olhar bastou para ela ver que o perigo estava bem próximo.

– Depressa, Dorothy! – gritou ela. – Corra para o abrigo!

Totó pulou dos braços de Dorothy e se escondeu debaixo da cama, e a menina correu para ir buscar o cãozinho. Tia Em, muito assustada, abriu o alçapão e desceu a escada até o abrigo estreito e escuro. Dorothy finalmente pegou Totó e saiu ao encontro da tia. Quando estava na metade do caminho, ouviu-se um grito fortíssimo do vento e a casa

sacudiu com tanta força que Dorothy perdeu o equilíbrio e caiu sentada no chão.

E então uma coisa muito estranha aconteceu.

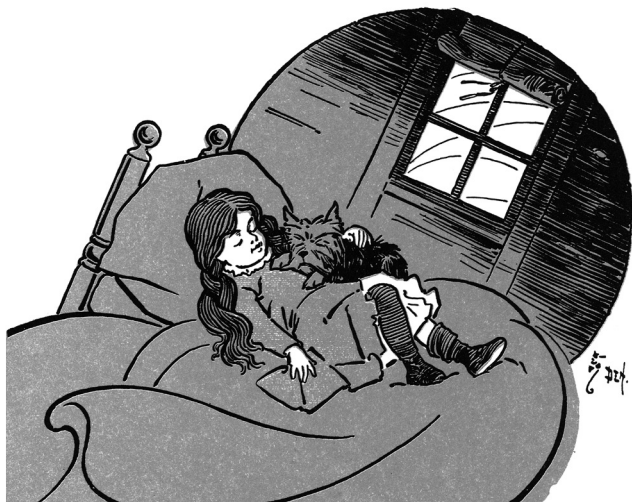
A casa rodopiou duas ou três vezes e começou a levantar voo devagar. Dorothy teve a sensação de que subia no ar a bordo de um balão.

Os ventos do sul e do norte se encontraram no ponto exato onde ficava a casa, precisamente no centro do ciclone. No meio do ciclone, o olho do furacão, o ar geralmente quase não se move, mas a pressão imensa que o vento criava em toda a volta fez a casa subir cada vez mais, até chegar ao ponto mais alto do ciclone; e bem no alto ela continuou enquanto era carregada para cada vez mais longe, por muitos e muitos quilômetros, como uma pena planando no ar.

Escureceu muito e o vento soprava com sons horríveis à volta dela, mas Dorothy descobriu que viajava até com um certo conforto. Depois dos primeiros rodopios, e de um outro momento em que a casa sacudiu com força, sentiu-se embalada, como um bebê no seu berço.

Totó é que não gostou nem um pouco daquilo. Corria de um lado para o outro da sala, parando aqui e ali e latindo alto; mas Dorothy ficou sentada bem quieta no chão, esperando para ver o que viria em seguida.

Num certo momento, Totó chegou perto demais do alçapão e caiu no buraco, e primeiro a menina achou que



tinha perdido seu animalzinho. Mas logo ela viu uma das orelhas do cachorro aparecendo de dentro do buraco, porque a pressão muito forte do ar não deixou que ele caísse. Ela se arrastou até a abertura, pegou Totó pela orelha e puxou o cachorro de volta para dentro; em seguida, fechou o alçapão para que nenhum acidente tornasse a suceder.

Horas e horas se passaram, e aos poucos Dorothy foi perdendo o medo; mas sentia uma grande solidão, e o vento uivava com tanta força à sua volta que quase ficou surda. Num primeiro momento, ela se perguntou se a casa iria se despedaçar quando tornasse a cair no chão; mas, com o passar das horas, como nada de terrível acontecia,

parou de se preocupar e resolveu esperar com toda a calma para ver o que o futuro iria lhe trazer. Finalmente, arrastou-se pelo chão até a sua cama e deitou nela; Totó foi atrás e se estendeu ao seu lado.

Apesar do balanço da casa e do barulho do vento, em pouco tempo Dorothy fechou os olhos e adormeceu profundamente.

O encontro com os Munchkins

DOROTHY FOI ACORDADA por um choque, tão repentino e forte que, se não estivesse deitada na cama macia, poderia ter se machucado. Deitada, só levou um susto e se perguntou o que teria acontecido; Totó encostou o narizinho frio no rosto dela e ganiu com a maior tristeza. Dorothy sentou-se na cama e percebeu que a casa não se mexia mais; e nem estava mais escuro, porque a luz do sol entrava pela janela e inundava o cômodo único da casinha. A menina pulou da cama e, com Totó seguindo de perto, correu para abrir a porta.

Deu um gritinho de espanto e correu os olhos ao redor, olhos que se arregalavam cada vez mais com as coisas incríveis que contemplavam.

O ciclone tinha depositado a casa com grande delicadeza – na medida em que um ciclone pode ser delicado – no meio de um campo de uma beleza extraordinária. Havia lindos trechos de relvado verde à toda volta, com árvores imponentes carregadas de frutos coloridos e saborosos.

Tufos de flores cresciam de todo lado, e aves de plumagem rara e brilhante cantavam e agitavam as asas nos ramos de árvores e arbustos. Um pouco mais adiante ficava um riacho, que corria e cintilava entre margens verdes, murmurando com uma voz que soava muito grata para uma menina que tinha vivido tanto tempo nas pradarias secas e cinzentas.

Enquanto devorava com os olhos aquelas estranhas e magníficas paisagens, Dorothy reparou que vinha caminhando na sua direção um grupo formado pelas pessoas mais esquisitas que já tinha visto na vida. Não eram tão grandes como os adultos com que estava acostumada; mas tampouco eram muito pequenos. Na verdade, pareciam ter mais ou menos a mesma altura de Dorothy, que era alta para a idade dela, só que pareciam muitos e muitos anos mais velhos.

Três deles eram homens e a outra uma mulher, e todos se vestiam de um modo fora do comum. Usavam chapéus redondos em ponta com mais ou menos um palmo e meio de altura, trazendo em volta da aba sinetas que tilintavam baixinho quando andavam. Os chapéus dos homens eram azuis; o da mulherzinha era branco, e ela usava um vestido branco que descia em pregas dos seus ombros; o tecido era salpicado de estrelinhas, que brilhavam ao sol como diamantes. Os homens vestiam azul, no mesmo tom dos



chapéus, e usavam botas bem envernizadas, com uma barra azul no alto do cano. Os homens, pensou Dorothy, deviam ser mais ou menos da idade do tio Henry, pois dois deles usavam barba. Mas a mulherzinha parecia muito mais velha: seu rosto era todo enrugado, seus cabelos, quase brancos, e caminhava com uma certa dificuldade.

Quando essas pessoas chegaram perto da casa, com Dorothy sempre de pé na porta, pararam e conversaram baixinho entre elas, como se estivessem com medo de avançar mais. Mas a velhinha caminhou até Dorothy, fez-lhe uma reverência profunda e disse, com uma voz muito doce:

— Bem-vinda, nobre feiticeira, ao País dos Munchkins. Queremos lhe agradecer por ter matado a Bruxa Má do Leste, libertando o nosso povo da escravidão.

Dorothy ouviu espantadíssima essas palavras. O que aquela velhinha queria dizer com aquela história de ela ser uma feiticeira, e de ter matado a Bruxa Má do Leste? Dorothy era uma garota inocente e inofensiva, que tinha sido arrastada por um ciclone para muito longe de casa, e nunca tinha matado nada e nem ninguém a vida inteira.

Mas a mulherzinha dava todos os sinais de estar esperando uma resposta; e Dorothy lhe disse, hesitando muito:

— É muita bondade sua; mas deve ter havido algum engano. Eu não matei ninguém.

E a velhinha respondeu com uma risada:

— A sua casa, pelo menos, matou, o que é a mesma coisa. Olhe só! — continuou ela, apontando para um dos cantos da casa. — Ali estão os dois pés dela, ainda aparecendo debaixo dessa peça de madeira.

Dorothy olhou e deu um grito de espanto. Realmente, bem debaixo do canto onde se apoiava a viga principal da casa, viam-se dois pés, calçando sapatos de prata de bico bem fino.

— Minha nossa! Minha nossa! — gritou Dorothy, torcendo as mãos de aflição. — A casa deve ter caído em cima dela. O que a gente pode fazer?



– Não há nada mais a fazer – disse calmamente a velhinha.

– Mas quem era ela? – perguntou Dorothy.

– A Bruxa Má do Leste, como eu já disse – explicou a mulherzinha. – Os Munchkins foram todos escravos dela por muitos e muitos anos, e eram obrigados a trabalhar dia e noite o tempo todo. Agora estão livres, e muito gratos a você pelo favor que fez.

– Quem são os Munchkins? – perguntou Dorothy.

– As pessoas que moram neste País do Leste, e antes eram dominadas pela Bruxa Má.

– A senhora também é Munchkin? – perguntou Dorothy.

– Não; mas sou amiga deles, apesar de morar no País do Norte. Quando viram que a Bruxa do Leste tinha morrido, os Munchkins mandaram me avisar e eu vim na mesma hora. Eu sou a Bruxa do Norte.

– Ora vejam! – exclamou Dorothy. – Uma bruxa de verdade?

– Sim, é claro – respondeu a velhinha. – Mas sou uma bruxa boa, e todo mundo gosta de mim. Só não sou tão poderosa quanto era a Bruxa Má que reinava por aqui, senão eu mesma teria libertado os seus escravos.

– Mas sempre achei que todas as bruxas eram más – disse a menina, que sentia um pouco de medo por se ver diante de uma bruxa de verdade.

– Ah, não, este é um erro dos maiores. Só havia quatro bruxas em toda a Terra de Oz, e duas delas, as que vivem no Norte e no Sul, são boas. E sei que isso é verdade, porque uma delas sou eu mesma. As do Leste e do Oeste é que eram bruxas más; mas agora você matou uma delas e sobrou só uma bruxa má em toda a Terra de Oz: a que vive no Oeste.

E Dorothy disse, depois de pensar um bocadinho:

– Mas tia Em me contou que todas as bruxas morreram há muitos e muitos anos.

– Quem é tia Em? – perguntou a velhinha.

– A minha tia que mora no Kansas, de onde eu vim.

A Bruxa do Norte deu a impressão de refletir por algum tempo, com a cabeça baixa e os olhos postos no chão. Em seguida, levantou os olhos e disse:

– Não sei onde fica o Kansas, pois nunca ouvi falar desse país. Mas me diga, são terras civilizadas?

– Ah, sim! – respondeu Dorothy.

– Então isso explica tudo. Nas terras civilizadas, acho que não sobrou nenhuma bruxa; nem mágicos, nem feiticeiras e nem bruxos. Mas a Terra de Oz nunca foi civilizada, porque vivemos separados do resto do mundo. E é por isso que ainda temos bruxas, feiticeiros e magos.

– Quem são os mágicos? – perguntou Dorothy.

– O próprio Oz é o Grande Mágico – respondeu a Bruxa, baixando sua voz a um murmúrio. – Ele é mais poderoso que todos os outros juntos, e vive na Cidade das Esmeraldas.

Dorothy já ia fazer outra pergunta, mas exatamente nesse instante os Munchkins, que até então estavam parados em silêncio, deram um grito e apontaram para o canto da casa onde antes estava estendida a Bruxa Má.

– O que foi? – perguntou a velhinha.

Depois ela olhou, e começou a rir. Os pés da bruxa morta tinham sumido completamente, e agora só tinham ficado os seus sapatos de prata.

– Ela estava tão velha – explicou a Bruxa do Norte – que secou depressa com o calor do sol. E desapareceu. Mas os Sapatos de Prata são seus, e você pode usar.